

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Q Estado de São Paulo

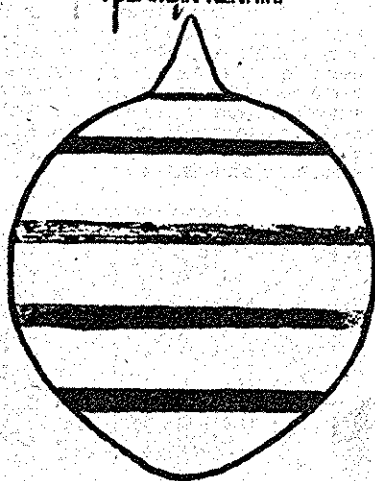
Class.: 294

Data 26 de agosto de 1980

Pg.: _____

ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA

UMÚSIN PANLÓN KUMU
TOLAMÂN KENHÍRI



"Antes o Mundo não Existia", de Tolamân e seu pai

A mitologia indígena, por dois de seus protagonistas

Tolamân Kenhíri tem 33 anos e é filho de Umúsin Panlón Kumu, de 53. Com a chegada da civilização cristã, passaram a se chamar Luiz Gomes Lana e Firmiano Arantes. Lana, dois dos 820 índios desâna espalhados pelos povoados situados às margens dos rios Tquí, Papuri e Uaupés, no Estado do Amazonas. Agora o fato de serem uns dos poucos remanescentes de uma cultura milenar, eles representam para a história da antropologia brasileira a primeira experiência em que protagonistas indígenas escrevem sobre sua própria mitologia. "Antes o mundo não existia", lançado pela Livraria Cultura Editora, documenta o resultado da fusão entre a tradição cultural dos índios e o uso da linguagem escrita, adquirido a partir do contato com os "civilizados".

Numa entrevista à antropóloga Berta G. Ribeiro — que fez a introdução, as notas explicativas e o prefácio do livro — Tolamân explica os motivos que o levaram e a seu pai a realizar o trabalho: "A princípio não pensei em escrever histórias. Foi quando vi que até rapazi-nhos de dezesseis anos, com gravador, começaram a escrevê-las (...) Ai eu falei com meu pai: 'Todo mundo vai pensar que a nossa história está errada' vai sair tudo atrapalhado. Só a mim que ele ditou essas coisas transformadoras. Ele ditava e eu escrevia, não tinha gravador, só tinha um caderno que eu mesmo comprei".

A participação da antropóloga restringiu-se, na verdade, segundo ela, "em precisar passagens ininteligíveis ou obscuras, melhorar a redação mantendo o espírito do original, traduzir literalmente ao português, palavra por palavra, as expressões em desâna que Luiz Lana havia deixado no texto". O trabalho foi realizado durante um mês e meio, cinco a seis horas por dia e só depois que a estudiosa provou aos seus autores que "eles é que teriam os direitos autorais e os seus nomes na capa do livro". A razão é muito simples: "Firmiano e Luiz Lana alegavam que nós antropólogos — diz a pesquisadora — vamos às suas aldeias, coletamos suas lendas, estudamos suas tradições e depois publicamos nossas obras 'no Brasil e nos EUA', enquanto eles, seus depositários, ganham uns míseros presentes".

Com 32 desenhos de Luiz Lana, o livro começou a ser escrito graças ao incentivo do padre Casemiro Beksta e foi lançado depois que o escritor amazonense Márcio Souza tomou contato com os originais e indicou os seus autores à editora. Agora, Umúsin e Tolamân pretendem continuar a tarefa de reconstituição de seus mitos, sem parar: "Enquanto eu viver, quero fazer isso — diz Tolamân. Agora vou pegar as histórias que os antigos contavam para as crianças. Depois algumas rezas antigas e escrever em minha língua mesmo e traduzir para o português".